



A AUTOESTIMA NO PROCESSO DO ENSINO-APRENDIZAGEM

TOLVETTI, Adriana¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é pensar na importância da autoestima no processo do ensino-aprendizagem. O estudo busca focar as influências emocionais e os trabalhos psicopedagógicos realizados junto às instituições educacionais no propósito de contribuir no processo educativo. Para nortear este trabalho, foram analisados conceitos, abrangências e teorias, as quais possuem como eixo central destacar a importância da autoestima no processo do ensino-aprendizagem a fim de proporcionar momentos de reflexão sob um novo olhar diante deste processo. Com base na pesquisa realizada será possível identificar a psicopedagogia como ferramenta mediadora entre os objetivos do ensino favorecendo no desenvolvimento do aluno? A abordagem utilizada neste trabalho foi à qualitativa, pois foram realizadas pesquisas bibliográficas para um melhor direcionamento à comprovação científica e da veracidade dos fatos contidos. Neste trabalho foi possível identificar um novo conceito sobre o ensino-aprendizagem e os benefícios que o estudo da psicopedagogia pode propiciar.

Palavras-chave: autoestima, psicopedagogia, ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

The objective of this work is to think about the importance of self-esteem in the teaching-learning process. The study seeks to focus on emotional influences and psychopedagogical work carried out with educational institutions in order to contribute to the educational process. To guide this work, concepts, scope and theories were analyzed, which have as their central axis highlighting the importance of self-esteem in the teaching-learning process in order to provide moments of reflection from a new perspective on this process. Based on the research carried out, will it be possible to identify psychopedagogy as a mediating tool between the teaching objectives, favoring student development? The approach used in this work was qualitative, as bibliographic research was carried out for a better direction to scientific proof and the veracity

¹ Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Nove de Julho - Uninove. Professora de Educação Infantil na rede pública de São Paulo, desde janeiro de 2014. E-mail: adrianatolvetti@hotmail.com

of the contained facts. In this work it was possible to identify a new concept about teaching-learning and the benefits that the study of psychopedagogy can provide.

Keywords: self-esteem, psychopedagogy and teaching-learning.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar as emoções pertinentes à autoestima e apontar suas implicações no processo do ensino-aprendizagem, buscando referências teóricas com um olhar psicopedagógico a fim de contribuir no processo educacional, relacionando o conteúdo teórico com a prática educativa.

Hoje, vivemos em uma sociedade competitiva, pois, já dizia o ditado popular “o ótimo é inimigo do bom”, portanto, a sociedade se encarrega de excluir os que não são ótimos. Diante deste contexto, é essencial a compreensão da autoestima e sua atuação na maneira de sentir e de agir diante dos desafios presentes no dia ‘a dia escolar.

No artigo, será demonstrado a importância da autoestima e seus reflexos perante as atitudes. Sendo dedicado, especialmente, às crianças que se encontram no processo de ensino-aprendizagem.

AS INFLUÊNCIAS

Ser um profissional da educação significa participar da emancipação das pessoas. O objetivo da educação é ajudar a tornar as pessoas mais livres, menos dependentes do poder econômico, político e social. E a profissão de ensinar tem essa obrigação intrínseca. (IMBERNÓN, 2004, p. 27)

Frente ao mundo que vivemos, com grandes tecnologias e um sistema que maximiza o ter e minimiza o ser, faz da sociedade um núcleo competitivo. A mídia massacra pessoas e impõe seus padrões e modelos de beleza, roupa, carro do ano, relógio importado, celulares, assim são classificadas as pessoas, quanto mais se têm, mais são valorizadas socialmente, e o resultado disso tudo é a frustração de quem não se encaixa nos padrões da sociedade. Sua autoestima é abalada, pois, o sujeito tende a se observar e comparar suas diferenças, rejeitando-se a si mesmo por não se enquadrar neste padrão que é almejado por muitos e alcançado por poucos. Esta questão foi pontuada por Rodrigues (2002) ao afirmar que “A sociedade nos molda”.

Que forças sociais emergentes neste novo momento histórico são capazes de controlar as consciências dos homens? (...) Como impedir que os muitos que estão por baixo sejam esmagados pelos poucos que estão por cima? Será que o ato de educar pode ser algo mais do que um mecanismo de manutenção da ordem? Será possível educar para a emancipação do homem, para livrá-los de toda a opressão que o esmaga? (RODRIGUES, 2002, p. 35)

Sendo assim, o ambiente escolar não é diferente. Crianças são expostas por suas diferenças raciais, intelectuais, econômicas e socioculturais. Tais exposições propiciam à frustração e ao

sentimento de fracasso. O ambiente é competitivo. O melhor é o líder da turma, é aquele que tira as melhores notas ou quem se destaca nos jogos escolares.

Góes e Smolka (1995) apontam professores deparando-se com uma série de situações que envolvem a formação da identidade do aluno, colocando algumas práticas a fim de levantar questões de como o aluno se percebe, e a resposta obtida sobre a própria imagem é o “complexo de inferioridade” e o “baixo autoconceito”.

A questão dos padrões impostos pela sociedade é tão influenciável que no estudo retratado por Góes e Smolka, as crianças se descreveram da seguinte forma:

A grande maioria fez referência aos tributos físicos (cor da pele, cor e tamanho dos cabelos, cor dos olhos, idade, estatura e peso) e as formas de ser e agir (obediente, alegre, carinhosa, sadia, quieto, exibida, estudo, bagunço um pouco), outros se avaliaram tendo em vista critérios estéticos. (SMOLKA e GÓES, 1995, p. 162).

Frente a esta questão, o que as crianças estão aprendendo na escola? O que os nossos alunos estão aprendendo ao longo da sua vida escolar? Nos dias de hoje, as escolas estão formando jovens para o vestibular, sujeitos insensíveis que reproduzem apenas para obter a melhor classificação nos vestibulares. As crianças sabem, mas, infelizmente, não aplicam, não agem para a transformação do seu meio. Cury (2006) relata que as crianças estão aprendendo matemática, física, química, biologia, mas não estão aprendendo a viver, a proteger suas emoções e a desenvolver a arte de pensar.

A educação no mundo inteiro esta passando por crise. Estamos formando homens cultos, mas não homens que pensam. Estamos formando homens que dão respostas ao mercado, mas não homens maduros, completos, que sabem se interiorizar, pensar antes de reagir, expor e não impor as suas ideias, trabalhar em equipe, homens que amam a solidariedade, que sabem se colocar no lugar do outro. (CURY, 2006, p. 61)

Desta forma, “pensar” é o diferencial da educação. Fazer pensar para refletir, pensar para agir e reagir, pensar para entender como nos sentiremos acerca de nós mesmos para então poder lidar com as frustrações. Entender acerca de si é ter a capacidade de se autoavaliar. Deste modo, o sujeito se percebe e obtém a sua imagem por meio do autoconhecimento. Porém, essa imagem pode ser variável frente a tantas influências externas que passam a interferir na autoestima.

O autoconceito da criança parece uma variável mediadora altamente significativa. Suas crenças a respeito de si mesmo e sobre suas capacidades colorem quase todas as suas ações e interações. A criança que acredita que não pode jogar futebol comporta-se de modo diferente ao que acredita que pode. (BEE, 1984, p. 312)

Branden (1997, p. 15) também faz referências, para ele, o autoconceito é “quem e o que conscientemente e inconscientemente achamos que somos – nossas características físicas e psicológicas, nossos pontos positivos e negativos”. Segundo Huston (2001, p. 349) os autoconceitos são “geralmente medidos quando se pede às pessoas para se descreverem ou para dizerem o quanto são diferentes dos outros” neste caso, não há o envolvimento de valor.

Dada à relevância deste conceito, o resultado da boa imagem é fundamental para a capacidade de reagir positivamente às oportunidades da vida. Pois, o sujeito apresenta maior autoconfiança para viver e manter relações saudáveis. Assim, sentem-se mais competentes e merecedores das oportunidades. Entretanto, quando sua autoestima é baixa, o sujeito tende a reagir às oportunidades como se fosse um obstáculo, desenvolve um conceito não saudável de si por ter uma autoestima baixa.

AUTOESTIMA

De modo simples pode-se dizer que a autoestima é o conceito que fazemos de nós mesmo, ou seja, a reputação que criamos sobre a nossa própria pessoa. É o nosso julgamento sobre quem somos e como somos. Assim, Nathaniel Branden, define a autoestima:

A autoestima

é a soma da autoconfiança com o autorespeito. Ela refere-se o julgamento implícito da nossa capacidade de lidar com os desafios da vida (entender e dominar os problemas). (BRANDEN, 1997, p. 9)

Já Huston (1991, p.351) deixa claro que além dessas descrições, a autoestima refere-se também as “avaliações que uma pessoa faz de suas próprias qualidades”. Portanto, a autoestima é íntima, pessoal e habita no interior de cada ser. Entretanto, muitas pessoas sofrem com a insegurança, dúvida e culpa impedindo de enfrentarem a vida com mais confiança. Para Feldman (1991) algumas emoções, como; êxito e fracasso, vergonha, orgulho, culpa e remorso, atuam de forma intensa na formação da autoestima.

Branden (1997) revela que a autoestima como vivência plena é obtida na somatória de dois aspectos; a autoeficiência (ter confiança em agir e capacidades como: de pensar e compreender) e o autorespeito (ter valor como pessoa). Diante deste contexto, a autoestima é necessária para a vida do sujeito e na falta de alguns desses aspectos ficará comprometida. Assim, o sujeito passa a se sentir fragilizado perante os desafios da vida por não possuir autoconfiança e acaba por não expor as suas vontades ou ideias desvalorizando-se perante o outro.

Quanto maior a nossa autoestima, mais bem equipados estaremos para lidar com as adversidades da vida; quanto mais flexíveis formos, mais resistiremos à pressão de sucumbir ao desespero à derrota.

Quanto maior a nossa autoestima, maior a probabilidade de sermos criativos em nosso trabalho, ou seja, maior a probabilidade de obtermos sucesso. (BRANDEN, 1997, p. 11)

Por meio de seus estudos, Bee (1984) nos revela uma diferença surpreendente ao se comparar características das crianças com autoestima alta em relação com crianças de autoestima baixa: das crianças com autoestima alta têm melhores notas na escola; entendem ser responsáveis pelos próprios sucessos ou fracassos; possuem mais amigos; percebem seu relacionamento

com os pais mais positivamente; podem ser mais competitivas e quando adolescentes tendem a alcançar uma “identidade realizada”.

Com o intuito de analisar a autoestima e sua relação com a aprendizagem é o fato de que a criança com autoestima alta vai melhor nos estudos do que as crianças com autoestima baixa. Pois, essas tendem a reagir contra o que lhe contraria como se fosse obstáculo à concretização de seus objetivos, desestimulando-se e fazendo com que perca a confiança em si mesmo. Já, o fato de que as crianças com autoestima alta possuem um relacionamento positivo com os seus pais, pode-se dizer que os relacionamentos familiares também são fatores influenciáveis na autoestima da criança.

Estilo parental competente. Esses pais gostam de seus filhos, dizem-lhe e mostram isso, e explicam os limites que estabelecem. Mas eles são firmes a respeito das regras. Em contraste, tanto os pais com um estilo permissivo que são amorosos, mas não são firmes em relação aos limites, quando aqueles com um estilo autoritário, que são firmes mas menos calorosos, tem filhos que são menos autoconfiantes e menos eficientes e menos eficientes em seu relacionamento com os outros. (BEE,1984, p. 310)

Portanto, a autoestima é variável por ser dependente das relações e experiências vividas, sejam elas familiares ou sociais. O objetivo agora é a busca por uma melhor compreensão de como se obtém uma autoestima equilibrada.

Com seus estudos e pesquisas, Nathaniel Branden (2002), chegou à formação da autoestima. Essa formação constituiu-se na somatória de seis práticas. São elas: 1- A prática de viver conscientemente: é participar e se dedicar verdadeiramente ao que esta fazendo e compreender tanto o seu interior quando os acontecimentos exteriores para agir conscientemente. 2- A prática da autoaceitação: é dispor a experimentar sentimentos e ações assumindo responsabilidades sem fugir ou sem se esconder. Avaliar suas atitudes sem julgamento, assim, não haverá a sensação de estar sempre na defensiva. 3- A prática do senso de responsabilidade: é compreender que as pessoas são autoras das suas escolhas e responsáveis pela sua própria vida, assim como, pelo seu bem estar. Não procurar culpados e sim soluções. 4- A prática da autoafirmação: é respeitar a si e aos outros, defendendo-se de maneira apropriada no que se diz respeito as suas ideias, com autenticidade nas relações interpessoais. 5- A prática de viver objetivamente: é além de estabelecer objetivos, estabelecer as providências para que esses objetivos sejam alcançados. A cautela é o caminho para a certeza de que tudo dará certo e 6- A prática da integridade pessoal: é viver uma verdade utilizando-se dos valores, das palavras e atos de maneira coerente. Honrar compromissos e tratar as pessoas como humanas.

Visto que para obter uma autoestima equilibrada, o indivíduo necessita não só refletir, mas também agir, colocar em prática com autenticidade sem medo de errar, porém, deve pensar nas consequências e independente do resultado assumir seus erros. Planejar e almejar metas são importantes, entretanto, tomar providências é fundamental para que seus objetivos sejam concretizados. Quando o indivíduo chega nesta segurança sem temer críticas, entretanto, reconhecendo e respeitando o ponto de vista do outro, chega-se no almejado equilíbrio da autoestima, torna-se saudável, promove a motivação do ego gerando um potencial frente ao meio e as oportunidades.

A EMOÇÃO

A maioria das crianças desenvolve um conceito saudável de si mesma, uma identidade que incorpora seu gênero e identidades étnicas e um padrão adaptativo de respostas emocionais. No entanto, as crianças podem se deprimir, se autodepreciar, ou ficar insatisfeitas consigo mesmas. (HUSTON, 2001, p. 373)

Sendo a autoestima uma resposta das emoções, Huston nos faz pensar sobre o quanto as emoções estão envolvidas e interferem no conceito da identidade. A emoção é um estado corporal. Ela altera o batimento cardíaco e aumenta o nível de adrenalina. Portanto, um sentimento pode ou não nos emocionar, alterando nosso estado corporal. Segundo Huston (2001, p. 369) “As expressões faciais, os movimentos corporais e as vocalizações (chorar ou gritar) são formas de expressão emocional. São visíveis e comunicam sentimentos”.

Na psicogenética de Wallon, a afetividade é a essência tanto para a construção da pessoa, quanto para a construção do conhecimento. A teoria da emoção walloniana é original e vista da seguinte forma:

Instrumento de sobrevivência típico da espécie humana, que se caracteriza pela escassez da prole e pelo prolongamento período de dependência. Se não fosse pela sua capacidade de mobilizar poderosamente ao ambiente, no sentido do atendimento das suas necessidades, o bebe humano pereceria (DANTAS, 1992, p. 85)

Portanto, a pesquisa retrata que a emoção é um estado decorrente dos sentimentos, é a expressão provocada por algum acontecimento. Neste sentido, a emoção revela-se por meio da expressão, como chorar, já o sentimento tem raiz psicológica, sua duração é duradoura como a saúde.

O sentimento tem raiz psicológica e é mais subjetivo. Em oposição à transitoriedade da emoção, sua ação é duradoura. É seu caráter contido que assegura sua não manifestação perante as circunstâncias (...) a emoção vem sempre acompanhada de expressões, mas jamais pode ser reduzida a estas. Assim, o choro, o riso, o grito e a contração tônica são apenas formas de expressão da emoção. (ALMEIDA, 2001, p. 95)

Diante deste contexto, fica claro que os alunos acabam dando algum tipo de sinal por meio de suas expressões, como a inquietação, por exemplo. Desta forma, o professor deve estar atento a estes sinais e entender quais são os motivos que levam seu aluno a tal inquietação. Aprender a ler as emoções é fundamental para o bom rendimento do aluno, pois, o professor tem a função de compreender seu aluno tanto no aspecto intelectual quanto afetivo. Por outro lado, a escola deve fornecer conhecimentos e técnicas para que o aluno se torne gestor das suas emoções, ou seja, assumir o controle das emoções, administrar as angustias, medos, inseguranças, aflições dentre outras. Entender que o campo da emoção é um campo particular, não deve ser invadido sem permissão, ele pode ser administrado e escudado contra o massacre imposto pela mídia.

Os professores fascinantes sabem que trabalhar com a emoção é mais complexo do que trabalhar com os mais intrincados cálculos da física e da matemática. A emoção pode transformar ricos em paupérrimos, intelectuais em crianças, poderosos em frágeis seres (...) E o que é educar a

emoção? É estimular o aluno a pensar antes de reagir, a não ter medo do medo, a ser líder de si mesmo, autor da sua história. (CURY, 2003, p. 66)

Cavalcante (2005) retrata sobre uma sociedade que cada vez mais vem estimulando as crianças a serem individualistas, sensibilizam-se somente por aqueles que fazem parte do seu grupo, seja ele, social, escolar ou familiar. As pesquisas revelam que 87% dos professores acreditam na importância de se trabalhar as emoções, mas não sabem como fazer.

O professor desconhece que a afetividade evolui; isto é, à medida que se desenvolvem cognitivamente, as necessidades afetivas das crianças tornam-se mais exigentes. Por conseguinte, passar afeto inclui não apenas beijar, abraçar, mas também conhecer, ouvir, conversar, admirar a criança. (ALMEIDA, 2001, p. 107)

Desta forma, a escola deve proporcionar ao aluno o direito de ouvir e ser ouvido. Assim podem reconhecer seus sentimentos, os quais movem suas ações.

A busca de uma investigação a fim de entender a identidade do sujeito é caminho para interpretar os problemas emocionais relativos ao autoconhecimento. Portanto, encaminhar é a palavra que parece ser mágica para a solução dos problemas de aprendizagem. Entretanto, antes de encaminhar é preciso compreender a origem do problema, sendo ele uma origem social ou não. As crianças estão constantemente expostas às influências externas e será o olhar atento do educador o diferencial para o avanço da aprendizagem não só em sala de aula, como para a vida.

Se contradições, conflitos e tensões envolvem as enunciações das crianças a respeito de si próprias, essas mesmas contradições, conflitos e tensões circulam pela sala de aula e vão além dos muros da escola. Desta forma, para encaminhar “problemas” que são de ordem social e histórica, é necessário, antes de mais nada, que se pense estes “problemas”, também, como sociais e históricos e não psicológicos. (GÓES, p. 175)

Neste sentido, a escola passa a ser um local privilegiado para a avaliação emocional dos alunos. Pois, no ambiente escolar, o aluno é avaliado e comparado em relação aos colegas, assim, cabe à escola proporcionar situações em que o aluno possa se descobrir, compreender-se e aceitar-se de maneira que o torne confiante e apto para enfrentar as dificuldades. Portanto, a intervenção é imprescindível para encorajar os alunos e levá-los “a tirar proveito de seus erros”, afirma Antunes (2003, p. 24).

Hoje vivemos a educação do futuro de quem se pronunciava há quatro ou cinco décadas atrás. Estamos no século XXI e ainda ouvimos falar da necessidade de uma renovação na área educacional. A educação pouco a pouco se torna mais complexa por conta das mudanças científicas, sociais e educacionais. Portanto, a sociedade está em constante mudança e com ela é fundamental que a formação do professor o prepare para enfrentar mudanças e saber lidar com as incertezas. Assim afirma Imbernón:

Em uma sociedade democrática é fundamental formar o professor na mudança e para a mudança por meio de desenvolvimento de capacidades reflexivas em grupo, e abrir caminho para uma verdadeira autonomia profissional compartilhada, já que a profissão docente precisa partilhar o conhecimento com o contexto. (IMBERNÓN, 2004,p.18)

Desta forma, o educador deve estar em uma busca constante do conhecimento aproximando a teoria da prática, da vida, da origem, da cultura, do ambiente e das experiências. Assim, uma formação, seja ela qual for, necessita ser permanente. Neste caso, o professor deve ter a capacidade de gerar conhecimento por meio da prática educativa aumentando a comunicação entre os professores para que aconteçam atualizações nas práticas da intervenção pedagógica. Stenhouse (1987) apud (IMBERNÓN, 2004, p. 49) diz que “o poder de um professor isolado é limitado (...) os trabalhos individuais são ineficazes se não estão organizados e apoiados”. Entretanto, quando o professor possui um olhar psicopedagógico, ele tem a capacidade de entender os fatores que levam o seu aluno a não aprender.

A partir de vínculos construídos, podemos perceber, através das sinalizações dos alunos, como o fenômeno da comunicação está acontecendo em nossa sala de aula. Então os vínculos serão nossos indicadores, “nossos pontos chaves” para desenvolvermos uma atuação psicopedagógica. (SOARES, 2011)

No aspecto mais amplo do sentido das dificuldades de aprendizagem, o estudo nos traz a importância da psicopedagogia para a compreensão das dificuldades apresentadas pelo educando e a responsabilidade do educador no processo ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurar culpados pelo fracasso escolar e colocar a responsabilidade no aluno ou na família sobre a dificuldade de aprendizagem é isentar-se da responsabilidade e, de fato, ter a sensação de que tudo está resolvido.

Evidencia-se por meio deste artigo não só a importância dos educadores, mas a importância do olhar diferenciado desses educadores. Contudo, pudemos aqui refletir sobre o que era desconhecido, da relação existente entre emoção, autoestima e cognitivo. Esse desconhecimento pode acarretar em grandes prejuízos. Conhecer a diferença entre sentimento e emoção faz com que o professor compreenda melhor o seu aluno. Pois, as emoções exercem ações sobre os indivíduos, ainda que de forma incipiente. Hoje, as escolas se preocupam com as dificuldades de aprendizagem de origem emocional, encaminhando as crianças para consultórios psicopedagógicos. Porém, na maioria dos casos, temos escolas que não ultrapassam suas mesmices.

Vencer a mesmice escolar é fundamental para deixar de ser um local que se aprende os conhecimentos básicos e se reproduz os conhecimentos transmitidos. Violar sua resistência é selar o início do novo e assim se aproximar dos aspectos éticos, coletivos, emocionais, comportamentais dentre outras tornando a escola mais aberta, propondo uma aprendizagem significativa a qual permita o aluno pensar e agir na sociedade para transformá-la.

A intervenção psicopedagógica no processo pedagógico é o diferencial para melhor compreensão do processo de aprendizagem. Necessita-se que o educador e o psicopedagogo atuem com soluções simples, o que influenciará de forma positiva o desenvolvimento da criança.

Cabe ressaltar que todas as ações psicopedagógicas desenvolvidas nas instituições

educacionais, necessitam ser preventivas e não somente corretivas, de modo a não auxiliar somente os docentes no desenvolvimento das suas atividades e de planejamento, mas a envolver a participação efetiva de familiares no processo evolutivo do discente.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. 2 ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.
- ANTUNES, Celso. **Relações interpessoais e autoestima: sala de aula como um espaço de crescimento integral**. Fasc. 16. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. 3 Ed. São Paulo: Editora Harper & Row Do Brasil Ltda, 1984.
- BRANDEN, Nathaniel. **Autoestima: Como aprender a gostar de si mesmo**. 27 Ed. São Paulo, Saraiva, 1997
- BRANDEN, Nathaniel. **Autoestima e os seus 6 pilares**. São Paulo, Saraiva, 2002.
- CAVALCANTE, Meire. **Como criar uma escola acolhedora**. São Paulo: Revista Nova Escola. 2005.
- CURY, Augusto Jorge. **Superando o cárcere da emoção** – São Paulo: Editora Planeta Do Brasil, 2006
- CURY, Augusto Jorge. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes**. Rio De Janeiro : Sextante, 2003
- FELDMAN, C. **Construindo a relação de ajuda**. Belo Horizonte: crescer, 2002.
- HUSTON, Aletha Carol. **Desenvolvimento e personalidade da criança**. São Paulo: Editora Hebraica, 2001.
- IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: forma-se para a mudança e a incerteza**. 4 Ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- LA TAILLE, Yves de; Oliveira, Marta Kohl de; Dantas, Heloysa. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

RODRIGUES, Alberto Tosi. Sociologia da Educação. 3 Ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

SMOLKA, Ana Luisa e Góes, Maria Cecília Rafael De. **A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento** – 4edição – Campinas Sp . Papyrus, 1995

SOARES, Dulce Consuelo R. **Indicadores para a construção de uma atuação psicopedagógica.** Disponível em <http://aprendizagemafetiva.blogspot.com/2011/10/indicadores-para-construcao-de-uma.html>. Acessado em 03 de abril, 2023